

Empresário diz que lucro foi baixo

Primeiro proprietário particular das RUVs, o empresário Wagner Sarkis não acredita que fez uma boa troca. "A desapropriação não foi um negócio tão vantajoso assim e ficou aquém dos valores que a gente esperava", comenta. Ele explica que as RUVs entraram na negociação porque constavam da lista de imóveis disponíveis apresentadas pela Terracap. "Se em vez desses lotes, tivesse negociado ficar com um terço dos terrenos do setor de indústria, poderia ter lucrado uma cinco vezes mais. Mas um processo de desapropriação não depende só da sua vontade e, às vezes, é melhor perder um pouco do que

ficar esperando", argumenta.

As nove RUVs que couberam a Wagner na negociação já foram vendidas. Procurada pelo **Correio**, a presidente da Terracap, Maria Júlia Pinheiro, não quis comentar sobre a desapropriação. O porta-voz do GDF, Paulo Fona, disse que "esse valores serão analisados e a Terracap se pronunciará depois".

Dos dez lotes da gleba do Núcleo Rural Alexandre Gusmão, apenas os dois revendidos a Sarkis foram indenizados. Os outros, declarados de interesse pública pela Terracap e que pertenciam à família Ikeda e de Antenor Magalhães, continuam em processo de desapro-

priação com ação em curso na 3ª Vara da Fazenda Pública do Distrito Federal, desde junho de 1991. Takeo Ikeda, 83 anos, ainda mora na sede da terra rural. Não fala muito sobre a ação de desapropriação, mas reclama do impacto ambiental de um novo loteamento de baixa renda, a quadra QNR da Ceilândia, sobre suas terras.

Ele mostra a erosão e árvores arrastadas às margens do Córrego das Corujas. "Até os peixes do açude morreram com a poluição", afirma Ikeda. Da desapropriação, ela afirma que falta o governo indenizar 186 hectares de terra com escritura e outros 114 de posse reconhecida pela Justiça.